

Meu Rio Vermelho¹

Rafael Irineu Alves LACERDA²

Ayrton Senna Seraphim do AMARAL³

Diego Baraldi de LIMA⁴

Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

RESUMO

“Meu Rio Vermelho” trata-se de um documentário planejado na disciplina Redação Audiovisual I e desenvolvido na disciplina Organização de Produção, ministradas entre o quarto e quinto semestres do curso de Comunicação Social, habilitação em Radialismo, da Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Cuiabá. O documentário pretende compartilhar com o espectador impressões acerca da importância sócio-econômico-cultural e da necessidade de preservação do Rio Vermelho, localizado no sul do estado de Mato Grosso. O rio e sua paisagem circundante são fios condutores da obra audiovisual não-ficcional, desde o local em que passa a ser chamado Rio Vermelho (Jarudore, Rondonópolis, Posto Indígena) até o ponto de sua deságua, no Pantanal.

PALAVRAS-CHAVE: documentário; produção; Rio Vermelho; preservação ambiental.

1 INTRODUÇÃO

Ao desbravar os confins do Brasil, um rio relaciona-se à cultura, ao cotidiano e à diversas questões vivenciadas pelas comunidades que vivem às suas margens. A região amazônica responde por mais da metade do potencial hídrico mundial. Nela está localizada a maior bacia hidrográfica do mundo, a Bacia Amazônica, formada pelo rio Amazonas e seus afluentes. Trata-se de corrente natural de água que flui com continuidade. A Bacia possui um caudal considerável e desemboca noutro rio. Entre tantas veias, uma desce e chega até o sul do estado de Mato Grosso com vários nomes, até chegar em Jarudore, distrito de Poxoréo, onde recebe o nome de Rio Vermelho.

Visando a conscientizar espectadores sobre a importância do Rio Vermelho, desenvolvemos “Meu Rio Vermelho”, em que pretendemos mostrar as histórias de vida de

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria: Cinema e Audiovisual, modalidade: Filme de não ficção/documentário/docudrama (avulso).

² Aluno líder do grupo e estudante do 5º. Semestre do Curso Comunicação Social - Radialismo, email: r.irineu@hotmail.com.

³ Estudante do 6º. Semestre do Curso Comunicação Social – Radialismo, email: ayrtonsenna1994@gmail.com.

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso Comunicação Social - Radialismo, email: diegobaraldii@gmail.com.

personagens (humanos e não-humanos) que dependem do Rio para sobreviver, além de reiterarmos a necessidade de sua preservação.

Os rios são meio de locomoção, fonte de água, de alimento, energia elétrica, entre outros benefícios. Sabemos que na atualidade diversos rios são transformados em canais de esgoto, emparedados de cimento, correndo a céu aberto, sem nenhum tratamento. Lixo, agrotóxicos, metais e resíduos químicos contaminam a maioria dos rios do Brasil. Alguns ainda pensam que o fluxo das ruas é mais importante que o dos rios. A crescente poluição e desmatamento insinuam um futuro com o qual devemos nos preocupar em transformar com atitudes menos nocivas ao meio-ambiente.

Carregado de histórias, o curso d'água que divide Rondonópolis, em Mato Grosso, é chamado de Rio Vermelho, antigo nome da cidade. O Rio foi importante para o desenvolvimento não só da cidade, mas de todo o país. Por ele foram realizadas importantes expedições sob o comando do Marechal Cândido Rondon, que determinou o traçado da linha telegráfica para interligar o estado de Mato Grosso e Amazonas ao resto do país. Fruto dessa investida, em 1922 foi inaugurado um posto teleográfico, às margens do Rio Poguba (nome dado pelos indígenas ao Rio Vermelho), em Rondonópolis.

Das atividades de pesca, até o lazer e bem estar, o trajeto do Rio é rico em histórias e causos, contados por inúmeros ribeirinhos que vivem em suas margens. O rio passa a ser chamado de Rio Vermelho em Jarudore (localizado a 60 quilômetros de Rondonópolis), distrito de Poxoréu. A partir daí, continua seu trajeto pela cidade de Rondonópolis, com enorme cais de valor histórico, passando por uma vila povoada por índios (localizada a 99 quilômetros de Rondonópolis) e deságua no Parque Estadual do Encontro das Águas.

2 OBJETIVO

Com o documentário “Meu Rio Vermelho”, pretendemos planejar e ter a experiência de campo de uma obra audiovisual não-ficcional.

Através desse produto experimental, pretendemos difundir as histórias e paisagens que circundam o Rio Vermelho em congressos, mostras de cinema e, quiçá, canais públicos de televisão. O documentário apresentará ao espectador ribeirinhos, pesquisadores e algumas pessoas que foram pioneiras na colonização moderna de áreas banhadas pelo rio. “Meu Rio Vermelho” também deseja alertar públicos amplos sobre a importância do Rio Vermelho, sua preservação e influência sócio-econômica-cultural na paisagem por ele banhada.

O documentário realçará as histórias de personagens de diferentes culturas que encontramos ao longo das correntezas do Rio Vermelho, cujas águas provenientes da Bacia Amazônica são de grande importância para a comunicação entre diferentes regiões do Brasil.

Além de reunir depoimentos e outras fontes visuais e sonoras para a compreensão do rio, o produto servirá como referência para gerações futuras que poderão, a partir do documentário, travar contato com as memórias acerca do Rio Vermelho.

3 JUSTIFICATIVA

O desenvolvimento do projeto de “Meu Rio Vermelho” tem relevância científica, social e humana, pois contribuirá para o maior esclarecimento de questões muitas vezes ignoradas por parte da sociedade: as questões ambiental e cultural. Ao expor a realidade cotidiana de personagens (humanos e não-humanos) que dependem do rio, o documentário pretende alertar e sensibilizar o espectador acerca da importância de preservação do Rio Vermelho e de todos aqueles que habitam a paisagem por ele irrigada.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A primeira etapa de elaboração do projeto “Meu Rio Vermelho” consistiu na concepção e desenvolvimento da ideia de documentário. A segunda etapa, a pesquisa, foi realizada a partir de investigação em material bibliográfico e de arquivo, como informações em jornais, livros, dissertações e sites. Este contato com as fontes bibliográficas foi essencial para determinar o rumo a tomar entre os assuntos de relevância e de cunho referencial para o debate.

Em seguida, foram eleitas os objetos (humanos e não-humanos) que seriam abordados na etapa de filmagem, bem como as estratégias de abordagem desses objetos. Definimos que na relação com as pessoas, seria utilizado o procedimento da entrevista, estimulando os personagens a pensar e discorrer livremente sobre os tópicos levantados pelo diretor. O cinema é aquilo que se decide que ele seja numa sociedade, num determinado período histórico, num certo estágio de seu desenvolvimento, numa determinada conjuntura político-social ou num determinado grupo social. (COSTA, 2003, p.29)

O conceito da composição das cenas dos entrevistados em Rondonópolis, personagens ligados ao Rio, ainda que não vivam às suas margens, remete a ligação de cada pessoa com a natureza. Nessas passagens, optamos por enquadramentos mais abertos. Neles, procuramos

mostrar os personagens em situação de entrevista/depoimento envolvidos por troncos de árvores, remetendo a essa ligação dos mesmos com a paisagem natural.



Figura 01: Cena do documentário
Amazônia Eterna



Figura 02: Cena do documentário
Meu Rio Vermelho

Em relação à iluminação, as cenas/tomadas foram sempre gravadas com duas fontes de luz, uma com temperatura ambiente e outra com gelatina laranja, remetendo à cor do rio. A luz do sol foi explorada em diversas cenas e em algumas passagens, essa luz se une ao rio (especialmente no pôr do sol), produzindo um efeito de contorno dos corpos dos personagens. Na pós-produção, foram utilizados programas para valorizar e padronizar as cores das cenas gravadas.

Para dotar o documentário de um visual mais cinematográfico, foi escolhido o formato estendido da tela, com barras pretas adicionadas para mesclar a estrutura tradicional do documentário ao “clima” de um filme mais ficcional.



Figura 03: Captação original da câmera



Figura 04: Edição de cor e barra preta

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O projeto de documentário “Meu Rio Vermelho” foi concebido no segundo semestre de 2015, na disciplina Redação Audiovisual I, ministrada pelo professor Pedro Pinto de Oliveira no 4º semestre do Curso de Comunicação Social da UFMT. No semestre seguinte, foi dado continuidade ao desenvolvimento do documentário na disciplina Organização de Produção, ministrada pelo professor Diego Baraldi de Lima, que passou a orientar o trabalho. Logo no primeiro semestre de 2016, o projeto começou a sair do papel, sendo que a pesquisa foi o ponto de partida para sua realização.

Entre os seis meses que compuseram a concepção, desenvolvimento e início da etapa de filmagens, o documentário, como o rio, foi ganhando um percurso muito rico. A pesquisa, tanto teórica quanto a de campo, mostrou-se mais que satisfatória, com muitas histórias e personagens (humanos e não-humanos) que foram encontrados, como a disputa de terras entre ribeirinhos e indígenas, o uso de agrotóxico na beira do rio, a poluição, entre outros assuntos temas que surgiram no encontro com os personagens. Histórias tão fortes que cada sujeito filmado poderia render um documentário. Tudo isso foi possível pelo empenho na etapa de pesquisa, realizada em sintonia com o comentário de BERNARD (2008, p. 115):

A boa narrativa em documentário, com raras exceções, depende de uma boa pesquisa. É preciso encontrar um tema, entender sua história e ter certeza de que está apresentando um ponto de vista equilibrado e preciso - pelo menos você deveria, de deseja que o filme satisfaça algum público. Lembre-se de que o equilíbrio e a precisão não significam que não se possa, como cineasta, assumir uma posição particular, ou que seus temas não possam defender uma delas. Mas se você espera que o público o considere e o leve a sério, é preciso permitir que ele pese a evidência por si mesmo, o que significa: você precisa pesquisar e apresentar essa evidência.

Em Jarudore, zona rural de Poxoréo, registramos histórias de vida de pessoas simples, que necessitam do rio para sua sobrevivência e que tiveram que lidar com as drásticas transformações do rio com o passar dos tempos. Na cidade de Rondonópolis entrevistamos pesquisadores, professores, artistas e cidadãos que, contemplando as águas, contaram experiências relacionadas ao Rio Vermelho. Seguindo o mapa, cenas da deságua do rio foram filmadas no Pantanal, assim como imagens dos animais que habitam a natureza circundante. Essas imagens foram intercaladas, no processo de montagem do documentário, às histórias, memórias e causos dos demais personagens encontrados pelo filme. Alguns temas foram constantemente repetidos pelos personagens filmados, como a dificuldade encontrada para a pesca, e os danos do crescente uso de agrotóxico na beira do rio. Lembrar desses assuntos causou revolta e angústia nos ribeirinhos.

Além da pesquisa, no processo de pré produção, a organização do cronograma foi decisiva para um bom andamento do documentário. Com esse cronograma, delimitamos o contato com entrevistados em Rondonópolis e a pesquisa em campo em outros lugares, como Jarudore, apenas para procurar personagens. Buscou-se encaixar todos os personagens em diárias seguidas para facilitar a gravação, resultando em uma ordem do dia bastante atribulada.

O projeto foi submetido ao um programa de extensão da universidade chamado Pró Cultura, da Pró Reitoria de Cultura, Extensão e Vivência da UFMT. Incentivo para produções no âmbito cultural desenvolvido por alunos da universidade, e foi contemplado no valor de dois mil e quinhentos reais para o custeamento do transporte e alimentação da equipe.

Por questões financeiras o trajeto do rio foi feito por estrada, e não por barco, como era a ideia inicial. Mesmo assim, não deixamos de percorrer parte do percurso do rio. Filmagens adicionais foram feitas (como tomadas da água do rio, da paisagem do entorno, e do céu, através de uso de drone para uma melhor dimensão do tamanho e da amplitude do rio.

Para a trilha sonora, utilizamos obras com direito autoras livres. Na etapa de filmagem, sons foram gravados separadamente para uma melhor audição e complemento, como o som da água, pássaros, vento e arvores.

A construção do roteiro final de montagem se deu após a decupagem de todo o material bruto gravado. Todas imagens foram captadas por uma câmera Canon 5D Mark III, com lentes de 75-200mm, 50mm e 14mm. Equipamentos como o gravador de som e o drone foram cedidos por produtoras tanto de Cuiabá quanto de Rondonópolis, por meio de permuta de trabalho, diárias do diretor do documentário para prestação de serviço a produtora.

O software utilizado para o processo de montagem e finalização foi o Sony Vegas 13, e o programa Audacity para tratamento do áudio capturado por um gravador.

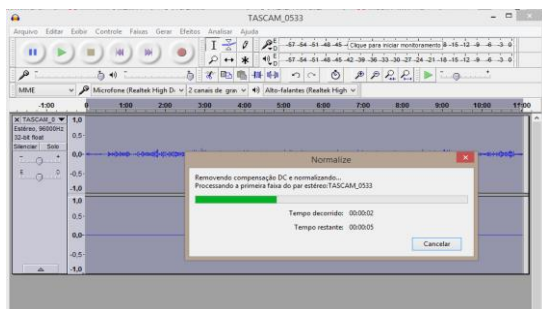


Figura 05: Timeline do programa utilizado para tratamento do áudio.



Figura 06: Timeline do programa usado para montagem de áudio e vídeo.

6 CONSIDERAÇÕES

A divergência de opiniões e relatos é enorme quando o assunto é a preservação de um rio. Ao estabelecer relações entre fatos históricos e atuais, a representatividade social do documentário pressupõe que acontecimentos e fatos já esmaecidos na memória do espectador possam vir a ser analisados de pontos de vista diferentes. Com base em novas informações e um olhar reflexivo sobre o assunto abordado, a proposta de “Meu Rio Vermelho” sempre muito bem aceita entre as pessoas que participaram da produção, o que resultou em muita ajuda para a pesquisa e desenvolvimento da obra de não-ficção.

O produto experimental trouxe uma noção importante de Produção audiovisual, o que gerou enriquecimento de experiência, como acadêmico de Comunicação Social. Através do documentário, foi possível conhecer técnicas específicas para o desenvolvimento da obra, além da pesquisa profunda sobre o tema proposto e a produção em campo.

Ao fim do trabalho, tivemos a noção de que destinos e histórias se movem com as correntezas de um rio, tornando-nos mais humanos em relação à qualquer rio, que carrega inúmeras histórias. Esperamos que “Meu Rio Vermelho” seja importante para produzir novos olhares sobre o rio e gerar reflexões sobre a questão ambiental, enfatizando que as águas de um rio são patrimônio a ser valorizado e preservado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NICHOLS, Bill. Introdução ao Documentário/Bill Nichols; tradução Mônica Saddy Martins. – Campinas, SP: Papirus, 2005. – (Coleção Campo Imagético)

BERNARD, Sheila Curran. Documentário - Técnicas para uma produção de alto impacto. 2.^a edição. Tradução Saulo Krieger. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

COSTA, Antônio. Compreender o cinema. São Paulo: Editora Globo, 2003.

AMAZÔNIA Eterna, Direção: Belisário Franca. Documentário, 97 minutos. Disponível em: <www.netflix.com>. Acesso em: 05 Abr. 2016.

ANEXO

Capa do documentário:

